

O passado, a *lapidação* e a lusitanidade – Moysés Vellinho e os elogios a Gilberto Freyre (1962)

Pâmela Cristina de Lima¹

Bolsista CAPES Modalidade II, Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da
Universidade de Passo Fundo
174267@upf.br

Introdução/justificativa

A todo o tempo, enquanto historiadoras e historiadores, estamos empreendendo recortes. Em nossos estudos, delimitamos a extensão de nosso objeto, a amplitude temporal e mesmo os estratos que estarão contemplados na análise a ser empreendida. Este exercício compõe parte fundante de nosso *métier*, uma vez que estrutura e sustenta a pesquisa à qual nos debruçaremos. Assim, podemos dizer que *recortar*, em nosso ofício, assemelha-se àquilo que o artista faz quando se propõe a lapidar um bloco de pedra: selecionando ferramentas adequadas, trilhando itinerários consistentes e mobilizando conhecimentos, somos capazes de dar forma, construir e *moldar*. Ao sabor de nossas pretensões, interesses ou compromissos, nos colocamos na labuta que lapida e esculpe, dando formas e contornos variados. Nossa *pedra*, porém, é tão impalpável quanto fluida. Frágil. Moldável.

Aos nos colocarmos na posição de escultores, para prosseguirmos com a analogia aqui proposta, empunhamos as ferramentas que darão forma ao produto final. Se, no bloco de pedra, as consequências são sólidas e evidentes, no *historiar* as coisas não se dão da mesma maneira. Ao empunharmos nossas ferramentas, *pena e tinteiro*, dialogamos diretamente com vidas, experiências, representações e construções. A base de nosso produto final são os tortuosos caminhos percorridos por grupos e sujeitos ao longo de diversos estratos de tempo, por vezes amalgamados, mesclados... conectados. Esta dimensão é nevrálgica e não pode ser negligenciada. Não temos em nossas mãos uma simples pedra inanimada. Temos, ao contrário, vivências e culturas, tão diversas quanto amplas.

1 Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Mestranda em História pela mesma Instituição. Membro do Grupo de Trabalho História Intelectual e dos Conceitos (ANPUH-RS) e do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC-UPF). Atua como professora no Colégio Universos e na Escola Sarandi, instituições de ensino de Sarandi/RS, município onde reside. É autora das obras *Farrapos, bandeirantes e beduínos* (2021) e *Terra virgem, amor submisso – uma perspectiva decolonial* (2022), pela Acervus Editora. Seus estudos concentram-se na produção historiográfica sul-rio-grandense do século XX e suas relações com níveis mais amplos de representação, identidade e usos do passado.

Tal como escultores que escolhem suas ferramentas, nós, historiadoras e historiadores, elencamos nossos métodos e teorias, caminhos possíveis que nos conduzirão às respostas que tanto procuramos, pelas quais tanto ansiamos. Epistemológica e metodologicamente, nos guiamos, na contemporaneidade, por caminhos que nos propiciem refletir e compreender profundamente as conjunturas que nos propomos a analisar. Porém, nossa História também possui uma história. Se hoje nos sentamos confortavelmente nos bancos das Academias, compreendendo-as como espaços de saber legítimo, houve um tempo em que este *status* era atribuído a núcleos letrados. Se pararmos para pensar, ambas possuem ao menos um ponto em comum – a atuação enquanto *fornecedoras* das ferramentas a serem usadas na lapidação do passado que se traz à voga².

Em nosso ofício, trabalhamos a partir de formas já esculpidas e retrabalhadas pelos diversos sujeitos que a originaram. Não somos os primeiros, nem seremos os últimos a *formar*. Somos, ao contrário, observadores atentos a partir de nossa conjuntura, buscando fazer o melhor contorno possível a partir das ferramentas que possuímos e que, aliás, tendem a se tornar obsoletas a partir do olhar de novos/futuros escultores. Mas nem sempre se pensou assim. Muitos foram os historiadores que se pretenderam pioneiros no ato de *moldar*, ignorando marcas de historicidade e construindo formas a seu bel prazer, satisfazendo interesses, demandas ou mesmo cristalizando versões predominantes. Como matéria prima, o passado. Como produto final, o discurso com quês de plausibilidade, necessários à sua sustentação.

Esta breve introdução nos parece capaz de familiarizar o leitor àquilo que Moysés Vellinho (1901-1980) empreendeu. Trouxemos à voga a analogia escultor-historiador porque nos pareceu pertinente tanto para compreendermos nosso próprio ofício e seus quês, quanto para nos aproximarmos da vida e obra do referido autor, uma vez que este empreendeu recortes e atribuiu formas à sua historiografia, operações estas que fornecem subsídios à análise que pretendemos empreender. Partindo da escultura velliniana, certamente moldada a partir de tantas outras, esculpe-se a nossa peça, com a finalidade de compreender melhor que formas são estas que Vellinho propôs ao final de sua vida, ao selecionar para *Aparas do Tempo* (1981), publicada postumamente, um texto que tratou da valorização do português sob

² Queremos, com isso, destacar que tanto as agremiações históricas quanto as Universidades, cada qual ao seu tempo, estiveram/estão diretamente relacionadas aos métodos e teorias aceitos como válidos, legítimos.

a ótica de Gilberto Freyre³. Mais do que isso: compreende-se que não há *peça* definitiva em se tratando da ciência histórica, cujas ferramentas não possuem garantia eterna, estando sempre abertas a recálculos, revisitas e reflexões.

Este trabalho se justifica pela pertinência de se analisar relações de interdiscursividade entre dois autores de gerações próximas, cujos objetos de análise e estudo se concentraram sob um mesmo eixo, a saber, a atuação lusitana na formação brasileira e a justificação/atenuação de muitos quês. Em complementaridade a esta questão, o estudo se justifica, ainda, em função de Moysés Vellinho, letrado demasiadamente influente na historiografia sul-rio-grandense no século XX, dar continuidade e atribuir significados àquilo que Gilberto Freyre, já consagrado, legitimou em seus escritos.

Objetivos

Este estudo tem como objetivo compreender a construção discursiva Moysés Vellinho (1962) em torno dos ideais de lusitanidade transversalmente defendidos por Gilberto Freyre em seus escritos, posicionando a atuação portuguesa como basilar e preponderante na formação brasileira.

Metodologia

Para dar conta de nossos objetivos, analisamos um texto publicado por Moysés Vellinho acerca das obras e do discurso de Gilberto Freyre, presente na obra *Aparas do Tempo* (1981), uma seleção de textos e ensaios escritos pelo primeiro ao longo de sua vida, empreendida pelo próprio autor. Nos atemos a compreender as relações interdiscursivas entre os autores e suas premissas, percebendo traços de continuidade dos pressupostos defendidos por Freyre na historiografia velliniana. Metodologicamente, tomamos a análise de discurso como ferramenta para analisar e compreender os traços que ligam a narrativa de Vellinho ao

³ Gilberto Freyre, nascido em Pernambuco no ano de 1900 e falecido em 1987, foi um influente sociólogo que se dedicou a estudar temas relacionados à formação brasileira, valorizando sobremaneira a Região Nordeste como meio para tal; “inventando-a”, inclusive. Foi influente nacional e internacionalmente, tendo suas obras traduzidas para vários idiomas. Ver REIS (2007) e ALBUQUQUE JUNIOR (2011)

discurso de Freyre, bem como as ressignificações operadas pelo primeiro em relação ao segundo.

Resultados

Entrelaçada à escrita freyriana, a historiografia de Moysés Vellinho dá continuidade a uma torrente discursiva que vê na expansão lusitana a gênese do Brasil *civilizado* que se pretende apresentar. Escrevendo num contexto marcado por renovações latentes nas ciências sociais e nas maneiras de se conceber o fazer historiográfico, Vellinho alicerçaria sua escrita da história nos pressupostos daquele que chamou de *mestre*, diretamente relacionados à glorificação dos portugueses enquanto agentes favoráveis à unificação e nacionalidade brasileiras. A partir destas ferramentas, o autor teceu sua escrita da história, marcadamente calcado na afirmação do bandeirismo como benéfico ao Brasil, uma vez que o tomou enquanto símbolo de integração nacional e sociabilidade, numa composição discursiva estruturada a partir da *miscigenação* enquanto primordial à civilização, mesmo com seus vários quês de brutalidade, violência e exploração.

Freyre, ao elencar a lusitanidade como bandeira, atendia às demandas de demonstrar um Brasil *brasileiro* em suas raízes. Vellinho, neste âmago, buscava demonstrar o quão *patriota* era seu Rio Grande do Sul, do começo ao presente, atribuindo aos fronteiros um suposto “senso de dever” em nome do todo, senso este proveniente da formação dentro dos cânones portugueses de ordem militar. Repousando preconceitos e brutalidades embaixo das sombras da miscigenação e suas supostas benesses, ambos os autores ocultam a exploração sexual que a originou e apregoam os brasileiros como um povo uno, dedicado ao todo e com sangue português nas veias.

Fonte

VELLINHO, Moysés. Gilberto Freyre e a Valorização do Português. In: _____. *Aparas do Tempo*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1981, p. 129-139.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.



VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. São Paulo: Atual, 2002.

FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

HERCHMANN, Viviane Viebrantz. *Moysés Vellinho (1901-1980): o intelectual da província*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2132>. Acesso em: 20 maio 2022.

MARTINS, Jefferson Teles. *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6302>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MARTINS, Jefferson Teles. O papel do Gabinete de Pesquisa em História do Rio Grande do Sul na tomada do bastão historiográfico do IHGRGS pela UFRGS. In: SOARES, Fabrício Antônio Antunes; MARTINS, Jefferson Teles [org.]. *História e Historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: Editora da UNESC, 2019, p. 223-252.

NEDEL, Leticia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15294>. Acesso em: 01 fev. 2022.

NEDEL, Leticia Borges. A Recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. *Maná*, 2007, p. 85-118. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/KJN7yvTkGXfjP7CmGJCQ3bj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 22

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Campinas: Pontes, 2020.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa M. *Brasil – uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOARES, Fabrício Antônio Antunes. *Farrapos de estórias: romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)*. Tese – Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica



VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

(PUC-RS): Porto Alegre, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8207>. Acesso em: 15 jul. 2019.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*, 1999, n. 8, v. 4. Disponível em:
<https://www.historia.uff.br/tempo/artg8-1>. Acesso em: 08 set. 2022.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei* – aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. Coleção Província.